

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DOCENTE

Data de aceite: 01/01/2023

Tereza Mara Lopes Abreu

Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Pós-graduanda em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Inta (UNINTA). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1377153610218016>
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA,
Sobral – CE, Brasil

Iza Mara de Souza Lopes

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar pelo Centro Universitário Inta (UNINTA). Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4918788954583623>
Centro Universitário Inta – UNINTA, Sobral – CE,
Brasil

Leandro Teles Feitosa Júnior

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar pelo Centro Universitário Inta (UNINTA), MBA em Secretariado Executivo pelo Centro Universitário Inta (UNINTA). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8523486585708678>
Centro Universitário Inta – UNINTA, Sobral – CE,
Brasil

Luciana Rodrigues de Carvalho

raduada em Pedagogia pela Universidade

Estadual Vale do Acaraú (UVA), Especialização em Gestão, Planejamento e Avaliação Escolar pelo Centro Universitário INTA (UNINTA), MBA em Gestão de Pessoas pelo Centro Universitário INTA (UNINTA), bacharela em Direito pelo Centro Universitário INTA (UNINTA), Mestranda em Ensino na Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2399774340910293>
Centro Universitário Inta – UNINTA, Sobral – CE,
Brasil

Elane Cristina da Silva Fernandes

Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), MBA em Gestão de Pessoas pelo Centro Universitário Inta (UNINTA), Especialista em Didática do Ensino Superior pelo Centro Universitário Inta (UNINTA), Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Inta (UNINTA), Mestranda em Direito e Sustentabilidade pelo Centro Universitário Unifacvest (UNIFACVEST). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9793596369009595>
Centro Universitário Inta – UNINTA, Sobral – CE,
Brasil

RESUMO: A avaliação educacional atua como parte integrante no processo de ensino-aprendizagem, exercendo uma função de auxílio ao docente em relação ao

aprendizado dos discentes. No entanto, essa concepção não é unânime. Embora saibamos que seja uma tarefa árdua avaliar o conhecimento, é dever do educador, ao elaborar o processo avaliativo, verificar qual é a melhor maneira de avaliar e obter resultado satisfatório. Além disso, o educador tem que levar em consideração que cada aluno tem suas dificuldades e peculiaridades ao se referir à aprendizagem e conseqüentemente estas deve ser observado na avaliação. Com base nessa análise, este trabalho tem como objetivo conhecer as diversas concepções de avaliação da aprendizagem considerando os paradigmas influenciadores da prática docente no processo avaliativo. Na Metodologia recorreremos a abordagem de pesquisa qualitativa, utilizando o procedimento de levantamento bibliográfico e de caráter exploratório. Para melhor entender e compreender a temática buscou-se apoio teórico nos principais autores como Luckesi (1996), Haydt (1992), Perrenoud (2001), Pimenta (1983), Tardiff (2002) entre outros. Concluímos que a aprendizagem é importante para ações e reflexões, pois é a partir do que se avalia que se pode ter resultados satisfatórios ou não. Assim pode-se criar soluções para se obter uma melhor ação pedagógica. A avaliação deve acontecer de forma responsável, traçando metas para melhorar a construção do saber. Reflete, os educadores que quanto mais aprende novas técnicas e abrange metodologias de ensino e avaliação, não ficando somente amarrados as velhas práticas avaliativas o crescimento é notável dentro e fora da sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação da Aprendizagem. Ensino-Aprendizagem. Formação Docente.

LEARNING ASSESSMENT AND TEACHER EDUCATION

ABSTRACT: Educational evaluation today acts as an integral part of the teaching-learning process. This exercises a function of aid to the teacher in relation to the learning of the students. However, this conception is not unanimous. Although we know that it is an arduous task to evaluate knowledge, it is the duty of the educator, in elaborating the evaluation process, to verify the best way to evaluate and to obtain a satisfactory result. In addition, the educator has to take into account that each student has its difficulties and peculiarities when referring to learning and consequently these must be observed in the evaluation. Based on this analysis, this paper aims to know, in the light of the theory the different conceptions of learning assessment and considering the paradigms influencing the teaching practice in the evaluation process. We resorted to qualitative research, configuring a bibliographical and characterizing and exploratory approach. In order to better understand and understand the theme, we sought theoretical support in Luckesi (1996), Haydt (1992), Perrenoud (2001), Pimenta (1983) Tardiff (2002) and others. The theme of evaluation of learning was presented as important for actions and reflections, because it is from what is assessed that one can have satisfactory results or not. Thus it is easier to create solutions to obtain a better pedagogical action. Particularly in the teaching-learning process, evaluation must take place in a responsible way, in the sense of not harming the student, but setting goals to improve the construction of knowledge. The educator is a fundamental part in the process of teaching and learning of the student, through

methodologies and reasoning intercepts the student's training. It reflects, educators that the more they learn new techniques and encompass teaching and assessment methodologies, not only being tied to the old evaluative practices, the growth is remarkable inside and outside the classroom.

KEYWORDS: Learning Assessment. Teaching-Learning. Teacher Training.

1 | INTRODUÇÃO

A avaliação educacional atua como parte integrante no processo de ensino aprendizagem. Esta exerce uma função de auxílio ao docente em relação ao aprendizado dos discentes. No entanto, essa concepção não é unânime. A avaliação, de acordo com Luckesi (1996) surgiu por volta do século XVII através das atividades pedagógicas dos padres jesuítas e pelo bispo protestante Jan Amós Comenius. Na sequência tivemos Thorndike, Tyler, Smith, Mager, Cronbach, Bloom, Grounlund, Ebel, Ausubel, Allal, Cardinet e Perrenoud que, com suas teorias, muito contribuíram para o modelo de avaliação brasileiro. (FERREIRA, 2011).

Nesse sentido, para o estudo, temos como objetivo conhecer, à luz da teoria as diversas concepções de avaliação da aprendizagem e a considerando os paradigmas influenciadores da prática docente no processo avaliativo. A temática sobre avaliação é um componente de estudo importante para as ciências da educação, no que, refletiremo nesse artigo.

O interesse na pesquisa surgiu ainda como aluna do curso de Pedagogia, a partir das observações feitas durante as aulas da disciplina Avaliação Educacional, onde foi notado que há influência de outras ciências, como, a psicologia, a psicometria, a sociologia, a antropologia, a economia, entre outras, que determina novos enfoques metodológicos.

Nossa investigação tomou como ponto de partida as seguintes questões norteadoras: Qual a relação entre a nota obtida pelo aluno (a) e sua aprendizagem? Que relação existe entre planejamento e avaliação da aprendizagem? Qual a relação da avaliação da aprendizagem e a formação docente? Os questionamentos contribuem para o desenvolvimento teórico proporcionando as respostas as inquietações.

Nos Estados Unidos, os estudos sobre a avaliação iniciaram no século XIX com um sistema de testagem que tinha como finalidade melhorar os padrões educativos da época. As principais mudanças ocorridas nesse sistema foram à substituição dos exames orais por escritos, das questões gerais por específicas e o aumento quantitativo de questões e sua padronização.

Na França e Portugal, Henri Piéron (1881-1964) desenvolveu em 1920 o termo Docimologia, que origina do grego dokimé e significa teste, para denominar o estudo sistemático dos exames, em particular, do sistema de atribuição de notas e dos comportamentos dos examinadores e examinados. Anos depois, Pierón sistematizou seus estudos no livro: Estudos docimological sobre o desenvolvimento de exames e concursos (1934).

No século XX, Thorndike (1874-1949), baseado em sua pesquisa com pombos em

uma gaiola, descobriu que um ser vivo em resposta a uma consequência agradável tende a repetir o comportamento, entretanto ele faz exatamente o contrário quando recebe uma consequência desagradável. (MARQUES, 2003)

Com base em seus experimentos, Thorndike afirma que os testes educacionais tem como objetivo mensurar as mudanças comportamentais dos alunos. Dessa forma, inicia a avaliação da aprendizagem como medida do rendimento escolar. Partindo desse pressuposto, resultou na década de 30 a padronização dos testes visando medir as habilidades e aptidões dos alunos. (MARQUES, 2003)

Seguindo a linha histórica, encontramos Tyler e Smith com o “Estudo dos Oito Anos” no qual defendem a avaliação como testes, escalas de atitudes, inventários, questionários e registros comportamentais dos alunos. Introduziram vários procedimentos metodológicos na avaliação a fim de coletar dados referentes ao desempenho escolar do aluno e da eficiência da escola como sistema educacional. Depresbiteris (1989) relata que a concepção de avaliação pode ser separada em dois momentos. No primeiro, a avaliação servia para julgar comportamentos, já que um dos objetivos da educação, para Tyler e Smith, era o de modificá-los. No segundo, consideravam que a avaliação não deveria ser realizada num único momento.

Na visão de Depresbiteris (1989) a proposta inovadora de Tyler e Smith torna-se limitada por considerar a avaliação com um fim em si mesmo. Enquanto sabemos hoje que esta faz parte de um processo sistêmico, contínuo, inacabado e que possui juízo de valor.

Depois das contribuições de Tyler e Smith, aparece no cenário histórico o conceito de avaliação segundo Mager. Sua principal contribuição foi a divisão entre o ato de avaliar, o ato de medir e a definição de teste. Após a separação feita por Mager, Cronbach (1963) define avaliação como um processo de coleta de dados que auxilia na tomada de decisão educacional. Na concepção de Cronbach é necessário definir os objetivos da avaliação para só depois aplicar o teste. Nessa percepção, a avaliação deixa de ser um fim para ser parte do processo. (MAUAD, 2003).

Dando sequência aos pensamentos de Cronbach temos Benjamin Bloom que aborda a aprendizagem voltada para o domínio e a escola seria a responsável por capacitá-los para a dominação. De acordo com Pophan (1983, apud Mauad 2003), Bloom subdivide os objetivos educacionais em três categorias: cognitiva que se refere às habilidades intelectuais; afetivas na qual se refere às atitudes, valores e interesses dos alunos e psicomotoras que se refere às habilidades físicas e motoras que os alunos devem adquirir.

2 | METODOLOGIA

No estudo, nos aspectos metodológicos recorreremos a pesquisa qualitativa, com o procedimento de levantamento bibliográfica e de caráter e exploratório. No tocante a pesquisa bibliográfica, esta segundo Gil (2008) apresenta como principal vantagem por possibilitar ao pesquisador uma maior amplitude da cobertura dos fenômenos.

Do ponto de vista do estudo exploratório, este tipo de pesquisa conforme Gil (2008) contribuem na medida em que proporciona aos estudos uma visão geral, de tipo

aproximativo, acerca de determinado fato. Mesmo consciente da amplitude da discussão, a ideia aqui é compor o cenário das reflexões críticas sistematizadas no percurso de nossa investigação no sentido da ampliação e qualificação do debate, visando fortalecer as lutas pelo direito à educação em todos os níveis de nossa organização escolar.

A pesquisa em questão está fundamentada na abordagem qualitativa sobre esse tipo de pesquisa Ludke e André (1986, p.23) afirmam que

A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Investiga os sujeitos a partir de sua cultura, de sua história, de suas condições de trabalho, seus saberes fazeres, sua subjetividade.

Portanto, a pesquisa qualitativa contém características essenciais e específicas que colabore com nosso objetivo de estudo. Dessa forma Neves (1996, p.1) evidencia que ela tem por objetivo “[...] traduzir e expressar o sentido do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação”.

Como procedimento se recorreu ao levantamento bibliográfico e buscou-se apoio teórico nos principais autores como Luckesi (1996), Haydt (1992), Perrenoud (2001), Pimenta (1983), Tardiff (2002). Esses autores são considerados na literatura básica importantes para compreender sobre avaliação e aprendizagem.

São muitos os processos e modelos avaliativos presentes na literatura, teorizados na escola e ainda os que são teorizados e praticados na escola. Estudá-los inicialmente, em linhas gerais, levando em consideração os processos avaliativos que são aplicados com todos os alunos constituem a fase inicial desta discussão teórica.

A pedagogia do exame usa os resultados obtidos para medir a capacidade ou desempenho do aluno ou da escola; se negativos a culpa é sempre do aluno. Os resultados não são utilizados para que haja melhorias no processo de ensino-aprendizagem e sim para buscar culpados ou inocentes. Assim, muitas provas são elaboradas com a intenção, muitas vezes, de testar os alunos, como uma forma punitiva e não como um processo de auxílio na aprendizagem. (LUCKESI, 2010)

Característica da pedagogia do exame vê-se que a pedagogia comeniana, representada na figura de Comênio diz que o medo é um excelente fator para manter a atenção dos alunos. A pedagogia jesuítica (séc. XVI) tinha por objetivo a construção de uma hegemonia católica contra as possibilidades heréticas, especialmente as protestantes. Davam muita importância às provas e exames, bem como à divulgação de seus resultados. (LUCKESI, 2010)

O método chamado de “pedagogia do exame”, como assinala Luckesi, é um tipo de avaliação centrado na resolução de provas, onde as notas se tornam principal indicativo de sucesso ou fracasso, não se levando em consideração as outras características dos alunos. Este método avaliativo de natureza somativa, ou seja, que leva em consideração somente o que é feito na “prova”, desconsidera, pois, o caminho que o aluno percorreu (LUCKESI, 2010).

O ato de avaliar deve obedecer a uma sequência que leve o aluno a uma

aprendizagem consolidada. Os fatores que fazem parte dessa sequência dizem respeito ao conhecimento do aluno, a partir de suas necessidades e carências a fim de promover intervenções no processo de ensino-aprendizagem por meio de avaliações que procurem abranger a maioria, se não todas as características dos alunos (LUCKESI, 2010).

3 | REFERENCIAL TEÓRICO

Até o começo do século XX a educação no Brasil não era considerada um valor social importante. A prática de ensino estava voltada apenas para a catequese da comunidade indígena. Para a elite colonial era oferecido outro tipo de educação, com aulas ministradas em casa pelos sábios da época.

Entre 1930 a 1940, o Brasil adota o sistema tradicional de ensino, modelo este centrado na figura do professor tendo o aluno como mero receptor e as avaliações são realizadas de forma oral ou escritas. Paralelamente, surgiu no Brasil o modelo escolar denominado Escola Nova chamada por Libâneo (1989, apud Mauad, 2003) de renovada progressista. Esse modelo propunha que o aluno aprendesse fazendo, e utilizava com metodologia resoluções de problemas, trabalhos em grupo, pesquisas. No entanto, esse modelo promoveu mudança apenas para um pequeno grupo de professores. Betti (1991, apud Mauad 2003) afirma que

Essa corrente entrou em conflito direto com a Igreja Católica, que até então possuía um papel fundamental na história da educação brasileira e era contra o controle da educação pelo Estado. A Igreja também era contra a laicidade do ensino e classes com alunos de ambos os sexos.

Por volta de 1950 a 1960 surge outro modelo educacional chamado de tecnicista ou comportamentalista. Esse modelo buscou-se adequar o sistema educacional ao novo regime político e econômico do Brasil no qual priorizava a formação para o trabalho e mão-de-obra qualificada

Nesse modelo, a avaliação exercia a finalidade de verificar quantitativamente os conteúdos transmitidos. Tal concepção de ensino foi denominada por Paulo Freire como educação bancária onde o aluno era compreendido como uma “tábua rasa” (John Locke) e o professor, “dono do conhecimento”, transmitia o conhecimento ao aluno. Percebe-se sua indignação na crítica que Freire (1983) faz ao modelo de educação do sistema capitalista.

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1983, p.68)

Em oposição ao tecnicismo, ressurgiu entre os anos 70 e 80, no Brasil, a proposta de Paulo Freire, denominada de Pedagogia Libertadora. Essa pedagogia concebia ao aluno sugerir o que gostaria de aprender, defendia a democratização do ensino, da cultura e da valorização do homem, além de propor a auto avaliação como instrumento de avaliação.

Por volta 1978, iniciam através da pedagogia tradicional discussões sobre a avaliação qualitativa e a quantitativa. Essa concepção de avaliação que visa o rigor com os instrumentos e coleta de dados, utilização de pré-testes e pós-testes, lembra-nos muito a escola tecnicista.

Em contradição a corrente quantitativa surge a corrente qualitativa que considerava a primeira insuficiente para estabelecer relação entre o que o professor ensina e o que o aluno aprende. Essa nova corrente caracterizava-se por defender que a educação e a avaliação não são neutras e nem desvinculadas a valores. Em confronto as correntes quantitativas e qualitativas surgiram outros modelos que complementam ou somam as correntes já citadas.

No final dos anos de 1980 e início de 1990 surgiu o modelo de avaliação educacional, como “vínculo indivíduo-sociedade”. Essa tendência de avaliação toma como base teórica as ideologias da pedagogia crítica social dos conteúdos que tem como representante Dermeval Saviani. Nessa linha de pensamento, os conteúdos não podem ser dissociados da realidade social.

No entanto, Lima (1994, apud Mauad, 2003) acredita que apesar das inúmeras correntes ideológicas não se construiu no Brasil uma linha teórica a ser seguida. O que procede é uma justaposição de todos os tipos de correntes acentuada uma ou outra de acordo com os valores e princípios educacionais da escola e do educador.

Segundo Ferreira (2011) os paradigmas são compostos por tendências de toda e qualquer orientação de cunho filosófico e pedagógico que determina padrões e ações educativas, ainda que esteja desprovida de uma reflexão e de uma intencionalidade mais concreta.

No Brasil encontramos três correntes ideológicas que, do ponto de vista de Ferreira (2011), se tornaram grandes paradigmas. O primeiro paradigma encontra-se na pedagogia tradicional ou tecnicista. Nessa corrente a avaliação é feita com o uso de testes formais orais ou escritos e a nota obtida na prova medirá exatamente o quanto o aluno aprendeu dos conteúdos ministrados pelo professor. Essa avaliação falha por não levar em consideração fatores psicológicos, afetivos, sociais, econômicos, religiosos, entre outros, que estão imensamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e por desconsiderar o conhecimento que o aluno já possui e suas aptidões para selecionar o que lhe interessa a aprender.

O segundo paradigma educacional é defendido pela Pedagogia Nova ou Escola Nova, nesta ideologia o aluno é tido como centro de toda a prática pedagógica, respeitando-o como capacitado a aprender desde que se produza ações para tal. Nesse modelo, o processo avaliativo consta não apenas com teste (orais ou escritos), mas com registros diários, anedótico ou não, dos avanços da turma. Delimitam-se nesta perspectiva todas

as pedagogias progressistas surgidas no século XX: a Pedagogia Libertária, a Pedagogia Libertadora e a Pedagogia crítico-social dos conteúdos.

O terceiro paradigma concentra as correntes mais recentes e tem como proposta uma escola que reflita sobre as composições societárias visando à emancipação dos sujeitos a partir de suas aprendizagens. Nessa concepção, o conteúdo não pode ser dissociado da realidade ao qual o aluno está inserido, o professor e o aluno permeiam juntos no processo de ensino-aprendizagem e o processo de avaliação é feito com o foco na qualidade mediante os instrumentos: auto avaliação, trabalhos em grupos, seminários, debates, sociograma e testes.

Embora saibamos que seja uma tarefa árdua avaliar o conhecimento, é dever do educador, ao elaborar o processo avaliativo, verificar se este é a melhor maneira a se avaliar e se está tendo resultado satisfatório. Além disso, o educador tem que levar em consideração que cada aluno tem suas dificuldades e peculiaridades ao se referir à aprendizagem e conseqüentemente estas deve ser observado na avaliação.

Para facilitar o processo avaliativo, o educador deve fazer uso de um planejamento. É necessário relatar que o ato de planejar e avaliar não são neutros. Dessa forma, o planejamento deve ser compreendido como um processo de reflexão que tem como intuito principal propiciar o despertar do sujeito enquanto a necessidade de mudanças e capacitá-lo para atingir suas metas.

Luckesi (1996) acredita que o ser humano não age sem fins – independentemente de quais sejam e de que nível de consciência esteja. Para ele o planejamento é o ato pelo qual decidimos o que construir e a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto.

Quando se discute o planejamento escolar logo se pensa num processo burocrático de preenchimento de formulários. No entanto, o planejamento auxilia o docente a mensurar seus objetivos levando em consideração os diversos fatores que influenciam no rendimento escolar e no desenvolvimento da disciplina assim como acompanhar dia-a-dia o aprendizado dos alunos.

A avaliação da aprendizagem é um fenômeno importante no dia-a-dia da sala de aula, pois através dela que o professor tem condições de acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. É uma ação contínua que deve acontecer sistematicamente, para que sua função realmente aconteça no processo de ensino-aprendizagem.

A Avaliação deve auxiliar a aprendizagem do aluno, portanto, é essência que o professor tenha consciência da importância do ato de avaliar, para detectar os avanços e as dificuldades. É necessário que sua concepção sobre a avaliação seja ampla, não restringindo em apenas uma prova no final do mês ou bimestre, com a única finalidade de dar uma nota ao aluno.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Faremos brevemente uma explanação do sentido do ato de avaliar, buscando

compreender a importância da avaliação no ambiente escolar. Nessa perspectiva entendemos que a avaliação da aprendizagem é uma ação que deve estar presente constantemente no processo ensino-aprendizagem. Assim, o ato de avaliar exige do professor um posicionamento consciente e seguro, esta ação docente, não deve acontecer apenas em determinado período, muito menos por imposição da escola, tampouco escolhido apenas pelo professor.

A avaliação é um subsídio importante numa educação transformadora. Sendo necessário que esta seja efetivada de forma dinâmica no dia-a-dia da sala de aula, direcionando a tomada de decisões. No entanto, não somente o professor, mas também os alunos devem ter consciência da prática educativa “[...] O entendimento correto de avaliação consiste em considerar a relação mútua entre aspectos quantitativos e qualitativos [...]” (LIBÂNEO, 1994, p.199). É através da análise dos resultados que se constata as dificuldades, para que seja tomada decisões e melhoria da aprendizagem.

Sabemos que no atual processo educacional a avaliação é entendida também como um ato de medir ou classificar o aluno, entretanto, o processo de verificação dos resultados pelo professor é bastante subjetivo. Com isso, o aluno é condicionado a apenas memorizar determinado conteúdo a ser cobrado nas avaliações que esse por sua vez não vai contribuir no processo de aprendizagem do educando.

A relação professor/aluno influencia de forma negativa ou positiva na prática avaliativa, este fato ocorre principalmente quando o professor rotula uma turma ou alguns alunos, trazendo graves consequências que prejudicam seus resultados. Muitos professores, usando sua autoridade, colocam a avaliação como uma arma para castigar ou premiar o educando. Para que isso não ocorra, é necessário que o docente conheça a verdadeira função da avaliação, saiba utilizá-la de forma adequada e que seus objetivos estejam realmente voltados a aprendizagem do aluno. A avaliação tem um caráter dinâmico e tende a atender de forma individual as necessidades dos alunos, exigindo que estes sejam avaliados de forma diversificada. Para isso, é importante que o professor conheça o nível de aprendizagem de seus alunos, e isso só será possível se o processo de ensino ocorrer com seriedade.

O ato de avaliar não deve ocorrer aleatoriamente, sem os objetos propostos, é uma ação que se torna importante no processo ensino-aprendizagem, que se estiver vinculada a um projeto educativo. Este, por sua vez, deverá ser elaborado por todos os interessados no desenvolvimento educativo, envolvendo educadores, pais e alunos. Na concepção de Kensi (1998),

[...] O projeto educativo desenvolvido na escola deve ter como premissa básica o alcance de objetivos que correspondam aos interesses e necessidades dos alunos, garantindo-lhes instrumentos que possibilitem o acesso aos conhecimentos necessários a formação de uma consciência crítica, que os liberte da fragilidade e importância diante do poder e da dominação [...]
(KENSKI, 1998, p.136).

Diante desta proposta que visa transformar a sociedade, o professor deve se posicionar não apenas como um simples transmissor de conhecimentos, mas um orientador

ou parceiro que possibilite aos educandos subsídios que possam auxiliá-los na construção de seus próprios conhecimentos. Partindo dessa linha de trabalho “[...] o compromisso do professor estará ligado a um processo mais amplo, onde o saber adquirido pelo aluno será de forma crítica e desafiadora [...]” (KENSKI, 1998, p.137)

Por isso, professor e aluno são sujeitos importantes no processo avaliativo, ambos têm interesses individuais e coletivos para um bom desenvolvimento desse processo. Pois só há aprendizagem satisfatória, quando o ensino alcança seus objetivos. Partindo desse pressuposto a avaliação é elemento fundamental para que ocorra o feedback, elemento essencial para o professor rever sua ação pedagógica.

Outro aspecto importante na ação docente é a construção de um clima favorável e participação educandos, assim, se faz necessário que eles sejam motivados. O professor necessita utilizar metodologias atrativas e fazer com que o conteúdo seja útil a sua vida, tudo isso, tem como resultado a interação professor/aluno, possibilitando assim uma aprendizagem satisfatória. O ato de avaliar não deve resumir apenas a realização de provas, com a finalidade de atribuir um conceito ou nota. É uma ação complexa que abrange vários aspectos no processo ensino-aprendizagem, em que professor e educando se empenham em atingir objetivos fundamentais em busca de melhores resultados.

Atualmente, a prática avaliativa ainda é utilizada de forma inadequada nas escolas, o ato de avaliar tem assumido o caráter de classificar o educando. Muitos professores ainda usam a avaliação como uma forma do aluno apenas repassar o conteúdo que lhe foi transmitido, essa prática é preocupante, pois, muitas vezes o professor exige que o aluno reproduza na avaliação da mesma forma que lhe foi passado. A lógica do trabalho pedagógico do professor é considerar a capacidade criativa do aluno, no caso da reprodução do conteúdo na prova, a ação docente acaba bloqueando o desenvolvimento do raciocínio lógico do educando, formando assim um indivíduo incapaz de interagir de forma crítica no mundo social.

Todo esse mal presente no ato avaliativo, não se restringe ao ambiente escolar, mas abrange também os lócus familiar, os pais se satisfazem nos simples dados quantitativos, não considerando a aprendizagem real do conteúdo, portanto, a nota neste sentido tem correspondido o nível de aprendizagem do aluno por reprovação ou aprovação.

Os professores que em muitas situações não possuem formação adequada, ainda utilizam recursos que não tem uma relação direta com os objetivos proposto para o alcance da aprendizagem. O que ainda prevalece muitas nas escolas como instrumento avaliativo é conhecido prova. Esta, muitas vezes é elaborada de forma totalmente descontextualizada, não apresenta enunciados de forma clara, ocasionando equívocos na compreensão dos educandos, não se trata aqui na extinção da prova como ferramenta avaliativa, mas entendemos que uma prova que consideram os pontos aqui citados pode torna-se um rico instrumento avaliativo.

Para que haja mudança em relação ao papel da avaliação da aprendizagem para que seus objetivos sejam realmente alcançados, é necessário que as escolas deem mais importância ao processo e não somente aos resultados. É fundamental que o corpo docente

seja mais orientado sobre a importância do ato de avaliar seus educandos para além da nota. Assim, a avaliação irá compor realmente um processo em busca da aprendizagem do aluno e também a formação docente.

A principal função da avaliação da aprendizagem é orientar o trabalho docente, fazendo assim as correções necessárias. Por isso, no processo de ensino e aprendizagem, ela se faz necessária, por meio dos resultados se pode comparar os objetivos propostos pelo professor com os que são desenvolvidos pela escola. O ato de avaliar possibilita constatar os avanços e problemas de aprendizagem dos alunos, facilitando assim o trabalho docente, neste capítulo elucidaremos um pouco sobre limites e possibilidades do processo avaliativo dos alunos.

Através dos resultados, sejam positivos ou negativos há a necessidade de uma reflexão para analisar o que está dando certo e o que precisa mudar. Sendo assim, a avaliação é uma tarefa didática que deve acompanhar o desempenho do educando. Ela não se limita na aplicação de provas, com a única finalidade de atribuir uma nota ou conceito, é uma tarefa que abrange vários aspectos, onde resultados quantitativos devem levar dados qualitativos.

A função diagnóstica possibilita o professor analisar desempenho dos alunos, verificando seus avanços e dificuldades, constatando assim, seu nível de aprendizagem. Quando o professor é realmente comprometido com a aprendizagem de seus alunos, utiliza com frequência esta função. Assim, ele poderá se apropriar de dados que levam a uma análise diante sua prática docente e aprendizagem do educando. O exercício de rever sua ação pedagógica, sua metodologia de ensino é imprescindível, pois um bom professor nunca deve se acomodar ou até mesmo culpar os educandos, quando estes não estão demonstrando um bom desempenho. Resumindo, o diagnóstico deve caminhar junto o processo de ensino e aprendizagem.

A função de controle da avaliação é o momento em que o professor se apropria dos resultados para fazer uma análise qualitativa. Assim durante o processo pode diagnosticar seu trabalho, constatando se seu papel está sendo bem desempenhado, em que aspecto está realmente contribuindo para a construção de conhecimentos de seus alunos. Para isso, é necessário que a avaliação ocorra de forma sistemática e contínua, através de atividades diferenciadas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema avaliação da aprendizagem foi apresentado como importante para ações e reflexões, pois é a partir do que se avalia é que se pode ter resultados satisfatórios ou não. Assim é mais fácil criar soluções para se obter uma melhor ação pedagógica. Principalmente no processo ensino-aprendizagem, a avaliação deve acontecer de forma responsável, no sentido de não prejudicar o aluno, mas traçar metas para melhorar a construção do saber.

Em primeiro momento, é fundamental analisarmos a concepção de aprender, a aprendizagem só acontece, quando o aluno é capaz de construir seu próprio conhecimento,

integrando-os as diferenças sociais, através de suas experiências vividas e interagindo com o mundo. Este conceito de aprendizagem contribui para uma educação transformadora, sem que os educandos desenvolvem sua criticidade, tendo consciência de sua contribuição na transformação da sociedade.

Partindo desta concepção de avaliação da aprendizagem, o papel do professor consiste em proporcionar situações desafiadoras, oferecendo recursos, onde os educandos desenvolvam suas potencialidades para a construção de conhecimentos. Neste contexto, a avaliação da aprendizagem tende a ir além da simples aplicação de provas e testes, devendo acompanhar o progresso do aluno em todos os aspectos.

Não adianta apenas a constatação de uma aprendizagem não satisfatória, se nada for feito para transformar esse resultado. Nesse sentido, a avaliação deve ser utilizada apenas para constatar erros ou dificuldades de aprendizagem, mas proporcionar soluções para as correções.

Propõe-se que a formação do professor é resultado do desenvolvimento das práticas escolares, sociais e trabalhistas. Pensando nisso, o professor ocupa um espaço razoável na construção do conhecimento do aluno.

Entende-se a partir da composição e da diferença que o professor é, o tipo de profissional predominante da estrutura que o envolve e, diferente dos outros lançando propriedades comportamentais, comunicativas, organizadas e transmissoras.

O educador é peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem do aluno, através de metodologias e raciocínio intercepta a formação do aluno. Reflete, os educadores que quanto mais aprende novas técnicas e abrange metodologias de ensino e avaliação, não ficando somente amarrados as velhas práticas avaliativas o crescimento é notável dentro e for a da sala de aula.

O professor deve procurar entender o aluno, isso enfatiza a importância da preocupação que tem com a contextualização, e a produção dos saberes. Para assegurar que o conteúdo é repassado para uma compreensão adequada e notável, inovando e buscando novos métodos, trabalhando com o educando técnicas que venham do convívio diário, ou de suas experiências relatadas, conhecendo assim, quais as dificuldades que interferem na execução das atividades.

Para que não aconteça a reprodução repetitiva, ou seja, não fixa os conteúdos permanentes, isto é, o aluno não aprende, pois, esse método desvincula a aprendizagem e o aluno não interpreta o que aprende, pois, o aluno só aprende quando relaciona os conteúdos adquiridos, assimilando com conteúdo propostos, construindo assim suas indagações e assimilações, e nesse contexto o professor é exatamente a “mola matriz”, ou seja o impulsiona ao processo da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DEPRESBITERIS, Lea. **O Desafio da Avaliação da Aprendizagem**: dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, (1983). 13.ed.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: cotidiano do professor. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Ática S.A, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRA, Liliana Soares. **Educação, paradigmas e tendências...** OEI-Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653). Disponível em: < [http://pt.scribd.com/doc/6837721/ Soareseducacao-paradigmas-e-tendencias](http://pt.scribd.com/doc/6837721/Soareseducacao-paradigmas-e-tendencias)> Acesso em: 03 de mar de 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994.

MARQUES, Paula. **O Behaviorismo. Revised: Setembro 27, 2003. Disponível em:**<<http://pcmarques.paginas.sapo.pt/Li4.htm>> Acesso em 18 de mai de 2017.

MAUAD, Juçara Maciel. **Avaliação em educação física escolar: relato de uma experiência**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

KENSKI, Vani Moreira. Avaliação da aprendizagem. In: VEIGA, L. P. A. (coord) *et al.* **Representando a didática**. Campinas: Papyrus, 1994.

NISBET, John & SHUCKSMITH. **Estratégias de Aprendizagem**. Madrid, Santillana, 1994.

PIMENTA, S.G. (org.) **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. São Paulo: Cortez 1999.

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.